

História e Memória da edificação do templo novecentista da “Igreja Matriz de São Jose” em Timon – MA: análise das confluências entre signos tangíveis e as práticas de preservação patrimonial.

Dheysiana Hadasia de Araújo Matos¹; Erika Felipe de Albuquerque²; Laura Emília de Carvalho Meireles³; Juliana Rodrigues Cavalcante⁴

Resumo

A presente proposta de pesquisa tem como objeto de estudo a história e memória da edificação do templo novecentista da “Igreja Matriz de São Jose” em Timon – MA na intenção de realizar uma análise das confluências entre signos tangíveis e as práticas de preservação patrimonial. A pesquisa tem como objetivos: Verificar a efetividade da preservação do bem histórico por meio da análise etnográfica detalhada da arquitetura original até a atual e descrever os objetos, utensílios símbolos de liturgia, mobília e artefatos que compõem o interior da igreja, e analisar as modificações que se acentuaram na paisagem urbana da cidade de Timon com a construção dos edifícios religiosos, no caso da igreja São José. A metodologia da pesquisa se deu pela combinação na construção de informações que envolveu a pesquisa documental, bibliográfica e de campo com registro de imagens e descrição *in loco* da arquitetura religiosa do templo da Igreja de São José. A pesquisa alcançou os seguintes resultados: levantamento fotoetnográfico com fins preservacionistas da imagética de um tempo para composição da memória do edificado, descrição do bem edificado e a orquestração arquitetônica em linhas temporais e, espaciais, e as modificações que foram realizadas no edificado ao longo do tempo.

Palavras-chave:

Igreja de São José. Patrimônio edificado. Preservação

Pesquisa financiada com uma bolsa modalidade Pibic ensino médio pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA).

Introdução

A referida proposta de pesquisa se justifica perante o raciocínio de Lemos (1985) ao dizer que preservar é manter vivo, mesmo que modificados, os usos e costumes, e que fazer levantamento de qualquer natureza de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões, de edifícios significativos de um contexto urbano para que fique arquivada a memória da cidade, o que o autor afirma está ao encontro com alguns dos objetivos desta pesquisa, que é contribuir com um registro/levantamento de dados em relação ao signo tangível novecentista da Igreja Matriz de São José, no caso em questão um levantamento etnográfico do edificado que tem por fim descrever detalhadamente a sua arquitetura, signos e sentidos preservacionistas, e os rituais ocorridos nos espaços internos e externos, nisso a possibilidade de criar uma composição da memória social do edificado, o que envolve a arquitetura interna e externa deste templo novecentista da cidade de Timon. Diante disso, pensamos ser interessante fazermos uma pesquisa

etnográfica deste templo novecentista enveredando pela memória da sua inscrição arquitetônica (HALBWACHS, 1990).

A pesquisa pauta-se na seguinte problemática: Como as confluências entre signos tangíveis e os rituais possibilitam práticas de preservação dos bens edificados? Na intenção de responder à problemática em questão a pesquisa está dividida em algumas etapas: a primeira etapa se faz em um levantamento historiográfico a respeito do templo católico, abrangendo a história da igreja, a orquestração arquitetônica em linhas temporais, espaciais e culturais, e quais modificações foram feitas no edificado ao longo do tempo, a pesquisa alimenta o viés de compreensão de processos de preservação dos patrimônios urbanos atuais em nível local. A segunda etapa será o levantamento etnográfico que trata da organização espacial interna da igreja, dos elementos de mobília e rituais simbólicos que compõem o espaço para compreender o sentido socioantropológico do bem arquitetônico religioso.

A pesquisa tem como objetivos: Verificar a efetividade da preservação do bem histórico por meio da análise etnográfica detalhada da arquitetura original até a atual e descrever os objetos, descrever os utensílios e símbolos de liturgia, mobília e artefatos que compõem o interior da igreja, e analisar as modificações que se acentuaram na paisagem urbana da cidade de Timon com a construção dos signos tangíveis religiosos, no caso da igreja São José.

Metodologia

A primeira fase da pesquisa ainda em andamento tem sido feita pela revisão da literatura, tendo em vista que o esforço de apreensão teórica é essencial, pois o “quadro referencial clarifica a lógica de construção do objeto da pesquisa, orienta a definição de categorias [...] e dá suporte as relações antecipadas nas hipóteses” (ALVES E AMAZOTTI & GEWANDSNADER, 2004).

O processo metodológico da pesquisa conta, ainda, pela combinação de duas formas na construção de informações: a pesquisa documental (APOLINÁRIO, 2006) no qual tem sido realizada uma análise da produção historiográfica sobre o contexto histórico e a arquitetura e logo após e a utilização do método etnográfico, isto é, Etnografia – etimologicamente significa: Etno: povo e grafia: descrição. Consiste no trabalho de uma observação, descrição e análise, dos rituais, objetos, artefatos (GEERTZ, 1989) que se encontram no bem edificado.

Para que essa descrição aprofundada possa ser sistematizada, faremos uso do diário de campo (BRANDÃO, 1982) no trabalho de uma observação direta (FOOT-WHYTE, 1990; DA MATTA, 1978; GOLDEMBERG, 2000).

Os registros no diário de campo serão indexados de forma conveniente aos interesses da pesquisa, nesse momento as pesquisadoras se foram presentes no espaço do templo católico para etnografar o templo, o edificado, traçando de forma descritiva a arquitetura nos mínimos detalhes, nesse momento foi realizado o registro imagético do templo em sentido interno e externo.

Resultados e Discussão

ALINHAVANDO HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO EDIFICADO DA IGREJA DE SÃO JOSÉ EM TIMON-MA

A cidade de Timon está localizada a 426km a leste da capital maranhense, na margem esquerda do rio Parnaíba, a cidade de Timon teve seu processo de constituição iniciado no século XVII pelas incursões nos sertões empreendidas pelas “Entradas e Bandeiras” (SANTOS, 2007), e o primeiro foco de povoamento se deu na Fazenda Gamileira, sendo levada a condição de vila em 1890, Vila das Flores, e em decorrência da lei nº 1139 de 10 de abril de 1924, a vila passou à condição de cidade, cidade das Flores, e somente em 1943 passou a ser denominada de Timon em alusão ao nome do jornal do poeta Joao Lisboa (Santos, 2007). E no tocante, às primeiras edificações religiosas de cunho católico, Santos (2007, p.79) informa a partir da análise historiográfica que o “primeiro templo Católico edificado na atual cidade de Timon, que se tem notícia, só foi construído e concluído em 1868”, mas não traz mais informações em relação ao edificado erguido nesta época.

Diante disso, os principais relatos em diversas fontes vão apontar a Igreja de São José como um dos primeiros templos, pois como podemos observar, segundo informações retiradas do site da prefeitura de Timon, uma reportagem especial intitulada “Timon 125 anos” relata que a primeira edificação religiosa da cidade se trata de uma “capelinha de pedra construída na área de um quilômetro quadrado de terra, ela media 5 metros de largura por 6 metros de comprimento e era o primeiro templo católico de Timon. A capela foi construída onde hoje é a igreja matriz de mesmo nome” (PREFEITURA DE TIMON, 2015, p. *online*¹). Em homenagem a São José.

Esse edificado faz parte do enredo mnemônico da cidade de Timon, considerando

¹ Reportagem publicada em 2 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://timon.ma.gov.br/site/?p=6437>>. Acesso em 10 de março de 2022

os relatos em que aparece na reportagem:

Segundo D. Mundoca (in memoriam) [...] contribuir com a edificação do novo templo era uma atividade prazerosa. ‘Era o divertimento do povo, 5 horas da tarde, colocar uma rodilha na cabeça e carregar pedra para construir o baldrame da igreja’, contou a registros literários da paróquia (PREFEITURA DE TIMON, 2015, p. *online*²).

Nesse sentido, a mesma reportagem nos informa ainda que “O 3º pároco, Padre Delfino, o mais lembrando pelos antigos moradores, pela oratória e por ser considerado um grande intelectual da época, terminou a construção da nova igreja e a inaugurou em 31 de maio de 1945” (PREFEITURA DE TIMON, 2015, p. *online*³). A igreja de São José tem quase oitenta anos de existência.

Sabemos que “a cidade respeita a igreja e com frequência se coloca a seus serviços” (LE GOFF, 1998, p. 95) templos religiosos surgem como fruto de um tempo e uma sociedade, e a sua arquitetura se encaixa em uma proposta desse tempo e contexto, Patrícia Horvat nos diz que “a arquitetura é uma “prática ética” que realiza formas apropriadas a uma determinada situação cultural” (HORVAT, 2007, p. 281), sobre essa “prática ética” a autora se refere a uma prática inserida em um sistemas de valores, crenças e hábitos em determinado lugar, tempo e contexto que constitui a vida de grupos humanos (HORVAT, 2007). Com isso temos a arquitetura religiosa que é “*topos* imagético, onde se pode circunscrever o imaterial e a materialidade sensível, que se situa, por sua pregnância simbólica, a assim denominada arquitetura religiosa” (HORVAT, 2007, p. 283).

Os templos católicos se configuram em “lugares de memória” (NORA, 1993, p.29), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). São cristalizações do passado, são traços vivos do cruzamento histórico-cultural e simbólico, o templo em estudo evoca a memória de um tempo, convém lembrar que

Arquitetura e o cenário das cidades constituem o cenário onde nossas lembranças se situam e, na medida em que as paisagens construídas fazem alusão a significados simbólicos, elas estão evocando narrativas relacionadas às nossas vidas (ORTEGOSA, 2009, p. 01).

Como dito por Marc Augé “sem a ilusão monumental, aos olhos dos vivos, a história não passaria de uma abstração. O espaço social é repleto de monumentos não diretamente funcionais, imponentes construções em pedra” (AUGÉ, 2007, p. 58), que

² Reportagem publicada em 2 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://timon.ma.gov.br/site/?p=6437>>. Acesso em 10 de março de 2022

³ Reportagem publicada em 2 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://timon.ma.gov.br/site/?p=6437>>. Acesso em 10 de março de 2022

necessitam estar sempre ao olhar de uma sociedade para lembrar o seu passado, por isso devem ser preservadas.

Nisso, nos lembra Pierre Nora “[...] arquivos são os marcos testemunhais de uma outra era” (NORA, 1993, p.13), sabemos que são resquícios testemunhais de um tempo que nos ajuda a compreender identidades atuais, assim a pesquisa servirá como registro científico da memória do edificado, o presente estudo encontra-se diante de alguns desafios, como o de preencher lacunas teórico empíricas, pois estudos unindo usos da arquitetura em sentidos ritualísticos com os bens arquitetônicos em questão são escassos no cenário da cidade de Timon-MA, sendo uma pesquisa que pode trazer contribuições relevantes para memória social da cidade de Timon.

FOTO ETNOGRAFIA COMO NARRATIVA DA MEMÓRIA DO EDIFICADO DA IGREJA MATRIZ DE SÃO JOSÉ

A igreja de São José tem quase oitenta anos de existência. Ao observar a passagem do tempo da edificação podemos ter a seguinte imagética entre os anos 1950 e 2023:



Imagem 01 – Igreja Matriz de São José em 1950. Fotografia do anexo do livro: Padre Defino e Timon: Vida, missão, história, do autor José Élcio Coêlho de Sousa. 2015.



Imagem 02 – Igreja Matriz de São José em 2023. Foto em: 25 de abril de 2023. Por: Juliana Rodrigues Cavalcante.

E, ao observamos essa edificação, a Igreja de São José, e sua narrativa histórica de como surgiu, percebemos muitas questões: como os processos de sociabilidades, ritos, ditos, não ditos, sua utilização, sua estética e a sua representação social no imaginário coletivo da cidade de Timon nos ajudar a compreender o passado dessa cidade? E como este edificado evidencia um marcador identitário da memória social da cidade de Timon?

Para compor análise foi realizada uma etnografia densa da arquitetura do templo do templo, ao qual aqui iremos nos referir como Fotoetnografia⁴. Esse processo de pesquisa fotoetnográfica se deu entre os meses de agosto e setembro de 2023, nos horários de missa: 6:30h e 18h e nos horários pela manhã e pela tarde em que a igreja se mantém aberta ao público

Na análise arquitetônica da Igreja de São José, pode-se verificar influências de mais de um estilo, caracterizando-a com o estilo eclético⁵, tendo sido chamado de Estilo Missionário. A fachada está dividida em três partes arrematas em cornijas⁶, é possível perceber, também, estas três divisões. A primeira referente a entrada da Igreja possui traços que relembram os neoclássicos. A presença da simetria e a representação de pilastras de estilo *dórico*⁷. Possui detalhes em diferentes níveis de relevo e a presença de uma abertura com vitral, um óculo⁸, e cinco torres pontiagudas mostrando influência gótica e dezesseis rosáceas que permitem a iluminação natural por dentro da igreja.

Em uma das laterais foi construído uma capela do Santíssimo, a sala possui duas colunas em estilo dórico, e um piso revestido com cerâmica. Este espaço em sentido arquitetônico permite o equilíbrio da construção, uma vez que sua nave possui uma altura muito grande, e a estrutura, feita em alvenaria.

Na nave há dois lados preenchidos por bancos de madeira, formando um corredor que dá acesso ao altar, os bancos são marcados com placas que remetem a pessoa/instituição que fez a doação do bem, como pode ser observado na (imagem- 06), sendo essa uma prática comum das ordens religiosas como nos lembra Murilo Marx, que são “através das doações de fiéis motivados por uma profunda religiosidade e como forma de pagamento por determinados serviços como celebração de missas, enterros de

⁴ “Fotoetnografia” método utilizado pelo autor Achutti (1997, p. 14), para o referido autor tal método consiste: “no uso da fotografia como uma narrativa imagética capaz de preservar o dado e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do grupo estudado”. (ACHUTTI, 1997, p. 14).

⁵ Uma tendência filosófica resultante do conflito de culturas e do embate de ideias. [...] Em Arquitetura, costuma-se designar [...] estilos e tendências históricas da tradição ocidental – grego, romano, gótico, renascentista, barroco – (COLIN, 2006).

⁶ Moldura sobreposta à superfície criando um detalhe saliente na parede. Serve como arremate estético, ornamento. Quando situada no alto de paredes externas e de portas janelas é também chamada de **cimalha**. Fonte: < http://www.arkitekturbo.arq.br/dicionario_por/busca_por.php?letra=cornija > . Acesso em 20 de outubro de 2023.

⁷ Mais simples das três ordens arquitetônicas gregas. Suas colunas são formadas basicamente por base, fuste e capitel simples, além do uso de elementos como arquitrave, friso e cornija. Fonte: http://www.histeo.dec.ufms.br/trabalhos/teoria1_2008/Grecia%20Arquitetura.pdf > acesso em 22 de abril de 2023.

⁸ Elemento utilizado no portal de entrada das grandes catedrais durante o período gótico. Fonte de consulta: < <http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/27/07/2009/o-que-e-rosacea-2/>>. Acesso em 22 de abril de 2023.

entes queridos nas igrejas entre outros. (MARX, 1991, p. 8), na Igreja de São José a maioria dos bancos correspondem a essa forma de doação.



(Imagem – 06) – Banco de madeira com placa identificado a pessoa que realizou a doação. Foto por Dheysiana Hadasia, 17 de março de 2023.



(Imagem – 07) – Placas oficiais informando a data de inauguração da igreja e a execução do em projeto de iluminação. Foto por Dheysiana Hadasia, 17 de março de 2023.

Em frente à igreja está situada uma praça em que se constitui em espaço de lazer e o momento em que a maioria dos fiéis católicos, e comunidade em geral que frequentam as missas se inserem nas atividades oferecidas pelo ambiente de lazer da praça como as vendas de alimentos, parques de diversão para as crianças e a toda lógica que os espaços de praça ofertam as cidades, como podemos observar esse espaço se constitui em uma extensão das atividades da igreja como os festejos de São José em que a estrutura e atividades como leilão e barracas de vendas ocorrem na praça (imagem 12)



Imagem 12 – Festejos de São José no espaço da praça em frente à Igreja. Foto por Dheysiana Hadasia, 17 de março de 2023.

Dos dois lados do hall de entrada nos deparamos com um mezanino da igreja, acessado por uma escada, onde serve de depósito de objetos utilizados pela paróquia como instrumentos musicais, e na entrada há um bebedouro que fica ao lado da porta principal.

Fazendo uma análise de toda a nave temos o total de sessenta bancos de madeira, esses bancos são lineares e disposto em quatro fileiras, sendo duas centrais e duas laterais. O altar da igreja possui um nível mais alto e este se encontra na região da nave chamada de abside. A cima do altar da igreja vemos a imagem de Jesus Cristo num crucifixo, aparentemente de estilo barroco germânico, ao centro entre Santa Maria e São José, logo abaixo um púlpito, ao lado esquerdo uma pia batismal, as portas cinzas com a pintura, relativamente, preservada, a nave é bem iluminada com um total de nove pontos de iluminação no teto, onze pares de ar condicionado e quatorze ventiladores característica do região que possuem em certas épocas do ano altas temperaturas e um ambiente climatizado proporciona um melhor conforto aos fiéis que frequentam as missas da igreja de São José.

É interessante pensar na simbologia gerada por toda essa composição interna, conforme GEERTZ (1998, p, 77) “os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-los.” E, essa composição edificada que proporciona essa cosmovisão de mundo precisa ser conservada como patrimônio que possui “valor simbólico-significativo, pois são símbolos tangíveis que relacionam o passado e o presente e atuam como ponte entre pessoas separadas pelo tempo. São símbolos que atribuem significados ao passado” (DIAS, 2006, p. 77), e o edificado em questão retrata o sentido cultural edificado de um segmento da cidade de Timon, o catolicismo timonense, e este edificado compõe a relação presente e passado da identidade social da cidade, e que em sentidos preservacionistas precisa ter uma maior atenção com a sua estrutura, pois nas paredes internas e externas há rebocos descascando, uma pintura envelhecida como pode-se ver nas seguintes imagens:



Imagem 13 – Intervenções por pichações nas paredes externas da Igreja. Foto por Dheysiana Hadasia, 17 de março de 2023.



Imagem 14 - Paredes externas da igreja com pintura desgastada. Foto por Dheysiana Hadasia, 17 de março de 2023.

Como pode ser analisado, a atual composição estética e arquitetônica da igreja de São José carece de uma maior atenção em relação a sua manutenção preservacionista. Assim, podemos concluir que a Igreja de São José materializa a identidade da cidade de Timon por meio da arquitetura, pois se vê permanências simbólicas que apontam para um marcador da identidade cultural da cidade de Timon, no tocante aos fiéis que frequentam a igreja, rezam, pagam promessas, comparecem as missas e são devotos, com isso há uma aquisição de um aporte identitário, sendo que “a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto das suas vinculações em um sistema social [...] a identidade permite que o indivíduo seja localizado e se localize socialmente (CUCHE, 2002, p.177), e arquitetura promove esse marcador da identidade, por isso a necessidade de preservar o bem edificado em questão.

Conclusão

O presente relatório aqui apresentado, seguindo o viés de iniciação científica, vem para somar e para instigar o desenvolvimento de novas pesquisas acerca das edificações da cidade de Timon. O templo novecentista, aqui etnografado, ainda necessita do olhar patrimonial para que sua arquitetura e sua própria representação iconográfica dentro da cidade não se perca diante dos novos símbolos que a cidade constrói e adere como símbolo de seu crescimento. A pesquisa buscou dissecar a igreja desde uma edificação até um patrimônio material e imaterial da cidade de Timon e por isso cabe agora a continuidade de novas pesquisas sobre o tema que possuem um acervo cultural, e arquitetônico que precisa ser preservado.

Agradecimentos

Agradecemos à FAPEMA pelo apoio em forma de Bolsa modalidade Pibic ensino médio e ao IFMA pelo suporte e infraestrutura.

Referências

APOLINÁRIO, F. **As dimensões da pesquisa**. In: Metodologia científica- Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson Learning, 2006, pp. 59-72.

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

BOURDIEU, P. Compreender. In: _____(cord). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-732.

BRANDÃO, C. R. **Diário de Campo - a antropologia como alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COLIN, S. **Sobre o ecletismo na arquitetura**. 2006. apud. ALMEIDA, Paula Aparecida Santini de. Unidade da Pinacoteca de São Paulo de Botucatu. 2012. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (graduação - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/117999>>.

DA MATTA, R. Ofício do antropólogo, ou como ter antropológico blues. In: NUNES, E. (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006. 258 p.

FOOTE WHYTE, W. **Treinando a observação participante**. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, pp. 77-86.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 13-41.

GOLDEMBERG, M. **Arte de pesquisar**. São Paulo: Record, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vetice/ revistas dos tribunais, 1990.

HORVAT, P. O templo de Vesta e a ideia romana de mundo. **Phonix Laboratório de História Antiga**. Rio de Janeiro: Mauad Editora ano XIII, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: São Paulo. Ed: UNICAMP, 1998.

LEMOES, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil, Terra de quem?** São Paulo: Edusp/Nobel, (1991).

SANTOS, Raimundo Nonato Lima. **Timon, uma flor de cajazeira**: Do povoamento à vila. Grafeti: Timon, 2007.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**. São Paulo, v. 10, n.10, dez/1993.

ORTEGOSA, M. S. Cidade e memória: do urbanismo “arrasa – quarteirão” a questão do lugar . **Revista Vitruvius**, ano 10, set, 2009. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/30>. Acesso em 10 de março de 2022.

PREFEITURA DA CIDADE DE TIMON. **Especial ‘Timon 125 anos’ – Igreja Matriz e Praça São José** (reportagem publicada em 2 de dezembro de 2015). Disponível em: <<http://timon.ma.gov.br/site/?p=6437>>. Acesso em 10 de março de 2022.

SOUSA, José Elcio Coelho. **Padre Delfino e Timon**: Vida, missão e história. Teresina: EDUFPI, 2015.